

A SEMANA – 106

John Gledson

Em várias crônicas, Machado demonstra simpatia pelos animais, tradicionalmente maltratados no Brasil; os burros, e em particular os burros dos bondes, já apareceram duas vezes nas crônicas d’“A Semana” (16 de outubro de 1892, e 8 de abril de 1894), e, como aqui, foram dotados de língua humana (e, como aqui, implicitamente comparados aos ex-escravos). Já nessa época, a Inglaterra tinha a reputação de ser o país onde a crueldade era malvista, e era punida pela lei. Desde 1824, havia uma sociedade defensora de animais: no Brasil, essas sociedades eram meio fictícias – ver, p.ex., a crônica da “Gazeta de Holanda”, 5 de novembro de 1885. Esta crônica interessa também pelas citações do jornal *Truth*, representante da nova imprensa sensacionalista na Inglaterra, e ao seu combativo editor, Henry Labouchère.

Esta crônica aparece na antologia de Mário de Alencar, p. 134-139.



A SEMANA

10 de junho de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Ontem de manhã, indo ao jardim, como de costume, achei lá um burro. Não leram mal, não está errado (como na *Semana* passada, em que saiu Banco União, em vez de Banco Único);¹ não, meus senhores, era um burro, um burro de carne e osso, de mais osso que carne. Ora, eu tenho rosas no jardim, rosas que cultivo com amor, e que me querem bem, que me saúdam todas as manhãs com os seus melhores cheiros, e dizem sem pudor coisas mui galantes sobre as delícias da vida, porque eu não consinto que as cortem do pé. Hão de morrer onde nasceram.

Vendo o burro naquele lugar, lembrei-me de Lucius, o Lucius da Tessália, que, só com mastigar algumas rosas, passou outra vez de burro a gente.² Estremeci, e, – confesso a minha ingratidão, – foi menos pela perda das rosas, que pelo terror do prodígio. Hipócrita, como me cumpria ser, saudei o burro com grandes reverências, e chamei-lhe Lucius. Ele abanou as orelhas, e retorquiu:

– Não me chamo Lucius.

Fiquei sem pinga de sangue; mas para não agravá-lo com demonstrações de espanto, que lhe seriam duras, disse:

– Não? Então o nome de Vossa Senhoria...?

– Também não tenho senhoria. Nomes só se dão a cavalos, e quase exclusivamente a cavalos de corridas. Não leu hoje telegramas de Londres, noticiando

¹ Mário de Alencar suprimiu o trecho relativo ao erro da crônica anterior a esta.

² Machado junta dois episódios das *Metamorfoses* de Apuleio (c. 120-c. 180) (mais conhecidas como *O asno de ouro*), o único romance latino que sobreviveu inteiro, e às vezes tido como obra de Luciano de Samósata, autor muito admirado por Machado. No fim do livro 3, Lucius, o narrador, fazendo mágica, sem querer vira burro, e no começo do livro 4, entra num jardim e come rosas. O jardineiro bate nele, e é atacado por um bando de cachorros. Continua burro ao longo de oito livros, até que no livro 11, ele reza para a Rainha dos Céus que o transforme de volta. Ela diz que ele tem que mastigar uma coroa de rosas que um dos seus sacerdotes vai levar numa cerimônia religiosa. Feito isso, ele volta à forma humana, e vira sacerdote dela.

que nas corridas de Oaks venceram os cavalos Fulano e Sicrano?³ Não leu a mesma coisa quinta-feira, a respeito das corridas de Epsom? Burro de cidade, burro que puxa bonde ou carroça, não tem nome; na roça pode ser. Cavalo é tão adulado que, vencendo uma corrida na Inglaterra, manda-se-lhe o nome a todos os cantos da terra. Não pense que fiz verso; às vezes saem-me rimas da boca, e podia achar editor para elas, se quisesse; mas não tenho ambições literárias. Falo rimado, porque falo poucas vezes, e atrapalho-me. Pois, sim, senhor. E sabe de quem é o primeiro dos cavalos vencedores de Epsom, o que se chama Ladas? É do próprio chefe do governo, lord Rosebery,⁴ que ainda não há muito ganhou com ele dois mil guinéus.

– Quem é que lhe conta todas essas coisas inglesas?

– Quem? Ah! meu amigo, é justamente o que me traz a seus pés, disse o burro ajoelhando-se, mas levantando-se logo, a meu pedido. E continuou: Sei que o senhor se dá com gente de imprensa, e vim aqui para lhe pedir que interceda por mim e por uma classe inteira, que devia merecer alguma compaixão...

– Justiça, justiça, emendei eu com hipocrisia e servilismo.

– Vejo que me compreende. Ouça-me; serei breve. Em regra, só se devia ensinar aos burros a língua do país; mas o finado Greenough, o primeiro gerente que teve a companhia do Jardim Botânico, achou que devia mandar ensinar inglês aos burros dos bondes.⁵ Compreende-se o motivo do ato. Recém-chegado ao Rio de Janeiro, trazia mais vivo que nunca o amor da língua natal. Era natural crer que nenhuma outra cabia a todas as criaturas da terra. Eu aprendi com facilidade...

– Como? Pois o senhor é contemporâneo da primeira gerência?

– Sim, senhor; eu e alguns mais. Somos já poucos, mas vamos trabalhando. Admira-me que se admire. Devia conhecer os animais de 1869 pela valente decrepitude com que, embora deitando a alma pela boca, puxamos os carros e os ossos. Há nisto um resto da disciplina, que nos deu a primeira educação. Apanhamos, é verdade, apanhamos de chicote, de ponta de pé, de ponta de rédea, de ponta de ferro, mas é só quando as poucas forças não acodem ao desejo; os burros modernos, esses são teimosos, resistem mais à pancadaria. Afinal, são moços.

Suspirou e continuou:

³ “The Oaks” é uma das cinco corridas “clássicas” da Inglaterra (das quais a mais famosa é o “Derby”). Acontece em Epsom, no começo de junho. Esse ano aconteceu no dia 8; o telegrama (que não encontrei na *Gazeta*) teria sido publicado no dia 9, sábado.

⁴ No jornal, em Mário de Alencar, e em Aurélio, está Roseberry. Archibald Primrose, Earl of Rosebery (1847-1929), primeiro ministro (Liberal) britânico entre 10 de março de 1894 e 22 de junho de 1895. Ladas (1891-1914) foi cavalo dele, cujo auge coincidiu com a subida do seu dono ao posto de Primeiro Ministro. Acabava de ganhar a “2000 guineas”, uma das corridas mais importantes do ano, e ganharia o Derby.

⁵ Charles B. Greenough (?-1880), engenheiro americano de Nova Iorque, onde fundou a Botanical Garden Railroad Ltd. em 1866, que se associou a Ireneu Evangelista de Sousa, futuro Barão de Mauá. Inauguraram a primeira linha de bondes no Rio de Janeiro, em 1868.

– No meio de tanta aflição, vale-nos a leitura, principalmente de folhas inglesas e americanas, quando algum passageiro as esquece no bonde. Um deles esqueceu anteontem um número do *Truth*. Conhece o *Truth*?⁶

– Conheço.

– É um periódico radical de Londres, continuou o burro, dando à força a notícia,⁷ como um simples homem. Radical e semanal. É escrito por um cidadão, que dizem ser deputado. O número era o último, chegado de fresco. Mal me levaram à manjedoura, ou coisa que o valha, folhee o periódico de Labouchère... Chama-se Labouchère o redator. O periódico publica sempre, em duas colunas, notícia comparativa das sentenças dadas pelos tribunais londrinos, com o fim de mostrar que os pobres e desamparados têm mais duras penas que os que o não são, e por atos de menor monta. Ora, que hei de ler no número chegado? Coisas destas. Um tal John Fearon Bell, convencido⁸ de maltratar quatro potros, não lhes dando suficiente comida e bebida, do que resultou morrer um e ficarem três em mísero estado, foi condenado a cinco libras de multa; ao lado desse vinha o caso de Fuão Thomson⁹, que foi encontrado a dormir em um celeiro e condenado a um mês de cadeia. Outra comparação. Elliot, acusado de maltratar dezesseis bezerros, cinco libras de multa e custas. Mary Ellen Connor, acusada de vagabundagem, um mês de prisão. William Pope, por não dar comida bastante a oito cavalos, cinco libras e custas. William Dudd, aprendiz de pescador, réu de desobediência, vinte e dois dias de prisão. Tudo mais assim. Um rapaz tirou um ovo de faisão de um ninho: quatorze dias de cadeia. Um senhor maltratou quatro vacas, cinco libras e custas.

– Realmente, disse eu sem grande convicção, a diferença é enorme...

– Ah! meu nobre amigo! Eu e os meus pedimos essa diferença, por maior que seja. Condenem a um mês ou um ano os que tirem ovos ou dormirem na rua; mas condenem a cinquenta ou cem mil-réis aqueles que nos maltratam por qualquer modo, ou não nos dando comida suficiente, ou, ao contrário, dando-nos excessiva pancada.

⁶ Jornal semanal inglês publicado e em boa parte escrito pelo deputado liberal, escritor e editor Henry Du Pré Labouchère (1831-1912), descendente de uma família huguenote. O jornal foi fundado em 1877, e representava um novo tipo de jornalismo. Publicava histórias “verdadeiras”, escandalosas, e foi muitas vezes processado por supostos libelos. Labouchère fez campanha para o melhor tratamento dos animais, e tentou em vão introduzir uma lei nesse sentido, em 1884. Também foi antifeminista, antisemita, homófobo, e acusado de usar seu jornal para “share-rigging”: denegrir certas ações e, quando o valor caía, comprar a baixo preço. Entrou para a história como autor da “Labouchère Amendment” (1885), que criminalizou atos homossexuais masculinos, só revogada em 1967.

⁷ Mário de Alencar muda a crase e o sentido: “dando a força à notícia”. Aurélio volta à leitura da *Gazeta*, sem dúvida correta.

⁸ Esta palavra não faz sentido, embora a reproduzam Mário de Alencar e Aurélio, sem comentário. Parece-nos que há uma explicação possível: a palavra no *Truth* seria “convicted”, o que quer dizer, não “convencido”, mas “convicto”, no sentido de “convicto de culpa”, (e não “condenado”, estágio seguinte do processo, e que, para mais confusão, cria os “convicts”, condenados, presidiários). Parece que Machado errou, compreensivelmente, na tradução, e produziu um *nonsense*.

⁹ Está assim no jornal. Mário de Alencar e Aurélio trazem “Thompson”, forma mais comum, mas sem “p” é perfeitamente possível.

Estamos prontos a apanhar, é o nosso destino, e eu já estou velho para aprender outro costume; mas seja com moderação, sem esse furor de cocheiros e carroceiros. O que o tal inglês acha pouco para punir os que são cruéis conosco, eu acho que é bastante. Quem é pobre não tem vícios. Não exijo cadeia para os nossos opressores, mas uma pequena multa e custas, creio que serão eficazes. O burro ama só a pele; o homem ama a pele e a bolsa. Dê-se-lhe na bolsa; talvez a nossa pele padeça menos.

– Farei o que puder; mas...

– Mas quê? O senhor afinal é da espécie humana, há de defender os seus. Eia, fale aos amigos da imprensa; ponha-se à frente de um grande movimento popular. O conselho municipal vai levantar um empréstimo, não?¹⁰ Diga-lhe que, se lançar uma pena pecuniária sobre os que maltratam burros, cobrirá cinco ou seis vezes o empréstimo, sem pagar juro, e ainda lhe sobrar dinheiro para o teatro municipal, e para teatros paroquiais, se quiser. Ainda uma vez, respeitável senhor, cuide um pouco de nós. Foram os homens que descobriram que nós éramos seus tios, se não¹¹ diretos, por afinidade. Pois, meu caro sobrinho, é tempo de reconstituir a família. Não nos abandone, como no tempo em que os burros eram parceiros dos escravos. Faça o nosso *treze de maio*. Lincoln dos teus maiores, segundo o evangelho de Darwin, expede a proclamação da nossa liberdade!

Não se imagina a eloquência destas últimas palavras. Cheio de entusiasmo, prometi, pelo céu e pela terra, que faria tudo. Perguntei-lhe se lia o português com facilidade; e, respondendo-me que sim, disse-lhe que procurasse a *Gazeta* de hoje. Agradeceu-me com voz lacrimosa, fez um gesto de orelhas, e saiu do jardim vagarosamente, cai aqui, cai acolá.



¹⁰ Ao longo dessa semana, a *Gazeta* critica o Conselho Municipal do Rio, que estava no último ano de seu mandato, e que tinha a intenção de levantar um empréstimo de 25 contos (25.000\$000) para vários fins: pagamento de dívidas, construção de edifícios para escolas, repartições, mercados municipais etc. O jornal argumenta repetidamente que a quantia é inteiramente insuficiente. A sua maior preocupação é que não haja fundos para “medidas que possam desde já ser iniciadas no sentido, se não de prevenir, ao menos de atenuar os efeitos de uma nova epidemia [de febre amarela, entende-se] para o próximo verão” (8 de maio).

¹¹ A *Gazeta*, Mário de Alencar e Aurélio, todos têm “senão”.